

42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
SPG 25: MODERNIDADES PERIFÉRICAS

**A “periferia” e as “margens” como pontos de vista: notas sobre o ensaísmo de
Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo**

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi ¹

CAXAMBU, 2018

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. A presente comunicação discute algumas hipóteses de pesquisa desenvolvidas na dissertação de mestrado intitulada “Olhares periféricos: crítica e sociologia no ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo”. O trabalho, que caminha para sua conclusão, é orientado pela Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri e foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

A “periferia” e as “margens” como pontos de vista: notas sobre o ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi

Resumo: Sem deixar de olhar atentamente para as perguntas formuladas pelas gerações anteriores, mas procurando elaborar uma análise histórica do presente, os nomes de Roberto Schwarz (1938 -) e de Beatriz Sarlo (1942 -) se destacam no âmbito da crítica literária e cultural de seus países, o Brasil e a Argentina, e no cenário mais amplo da crítica "latino-americana". Desde a década de 1970 até suas produções mais recentes, os críticos vêm intervindo de diferentes modos no debate público de seus contextos, tensionando os nexos de sentido entre processo social, vida intelectual e “condição periférica”. Considerando a contemporaneidade histórica entre suas interpretações, que conferem certos paralelos e pontos de divergência interessantes para pensar a problemática da “periferia” – que desafiou e continua desafiando a imaginação sociológica brasileira, argentina e latino-americana de modo amplo –, a comunicação acompanha a análise que os críticos desenvolvem sobre escritores-chaves das literaturas brasileira e argentina: Machado de Assis, um dos autores mais estudados por Schwarz para interpretar a sociedade brasileira, e Jorge Luis Borges, um personagem central para Sarlo tecer sua análise da cultura argentina.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; Beatriz Sarlo; Literatura e Sociedade; Condição periférica.

Introdução

(...) porque, na realidade, nosso norte é o Sul
– Joaquín Torres García, *Universalismo Construtivo* (1941)

Em julho de 2005, na terceira edição da Festa Literária Internacional de Paraty, no Rio de Janeiro, o crítico brasileiro Roberto Schwarz e a crítica argentina Beatriz Sarlo participaram da mesa “Um lugar para as ideias”. Na programação do evento eles foram descritos como “intérpretes incontornáveis” das obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, escritores destacados nas literaturas brasileira e argentina, listados nas últimas décadas até mesmo entre os clássicos da literatura Ocidental. Falando sobre estética, política e ideologia na periferia de um mundo hoje globalizado, e sobre os nexos de sentido entre compromisso intelectual e engajamento, os críticos recuperaram ideias de escritores e intelectuais que contribuem para decifrar o presente histórico.

A descrição da mesa é um bom ponto de partida para essa comunicação. Por um lado, porque ela chama atenção para o fato de que Schwarz e Sarlo são críticos que fazem

das articulações entre literatura e sociedade e entre cultura e política um ato de cumplicidade para pensar os dilemas do presente. Em outros termos, a análise estética que fazem das obras literárias e das matérias da cultura está atenta a questões sociais e sociológicas mais amplas. Por outro lado, a descrição aponta a importância das interpretações de Schwarz e de Sarlo sobre as obras de Machado e de Borges, respectivamente.

Como se sabe, os escritos machadianos, datados sobretudo do final do século XIX, ocupam um lugar privilegiado na obra de Roberto Schwarz. Em ensaios que compõem os livros *Ao vencedor as batatas* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), *Dois meninas* (1997) e *Martinha versus Lucrecia* (2012), Machado coloca alguns dos problemas estéticos e sociais a partir dos quais o crítico interpreta o Brasil e o movimento mais geral da sociedade contemporânea. As questões formuladas na ficção borgeana ao longo do século XX também são decisivas para a análise tecida por Beatriz Sarlo sobre a cultura e a sociedade argentina, presentes em ensaios como *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *Borges, un escritor en las orillas* (1993) e *La pasión y la excepción* (2003). De modo sintético, os críticos observam, cada qual a seu modo, que Machado e Borges tensionam as relações entre local e universal, nacional e cosmopolita, uma vez que formalizam esteticamente tanto a problemática nacional quanto as diferentes trocas do local com outras culturas e suas formas de assimilação. Justamente por isso são escritores chaves na literatura de seus países.

A despeito das finas diferenças nos argumentos de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo, que serão mais ou menos expostos na comunicação, interessa analisar se existe certa afinidade eletiva quando o crítico brasileiro observa que Machado é um “mestre na periferia do capitalismo” e quando a crítica argentina sugere que Borges faz das “orillas uma estética”.² Ou seja, a ideia de “periferia”/“margens” assume um sentido mais ou

² Vale esclarecer que o principal livro de Beatriz Sarlo sobre Jorge Luis Borges foi publicado primeiramente em inglês, em 1993, com o título *Jorge Luis Borges: a writer on the edge*. No mesmo ano foi vertido e revisto pela autora para a edição argentina, sob o título de *Borges, un escritor en las orillas*, sendo que no espanhol “orillas” significa também limite, fronteira, borda, costa etc. Na tradução do livro ao português foi utilizada a ideia de “periferia” para não perder o sentido atribuído por Sarlo, em que confluem não apenas o âmbito urbano, mas também o social, o político e o cultural. De todo modo, é preciso fazer uma distinção rigorosa entre “periferia” e “orillas”/ “margens” nos ensaios de Sarlo. Em geral, a utilização da palavra “orillas” é sempre acompanhada do que Sarlo argumenta como sendo a invenção estética da obra borgeana. Romina Pistacchio (2007), lembra que, ainda que a ideia de “margens” que Sarlo utiliza possa ser aproximada dos estudos pós-coloniais, trata-se de uma formulação que parte de sua leitura da obra do escritor portenho.

menos compartilhado na construção teórica e metodológica dos ensaios de Schwarz e de Sarlo? Quais as implicações desses sentidos?

Essas questões são inspiradas em recentes trabalhos no âmbito do pensamento social brasileiro. Um dos principais desafios da área é descentrar seu foco analítico do nacional, de modo a construir interpretações do Brasil que escapem à linearidade ou unilateralidade das explicações (que podem levar a uma “excessiva singularidade brasileira”, cf. Tavolaro; Tavolaro 2010). Lastrear vocabulários que podem de algum modo ser compartilhados entre autores de “circuitos periféricos” é uma das apostas nesse exercício de comparação transnacional da história intelectual (Maia, 2011; 2017). Em outras palavras, do ponto de vista analítico, busca-se acompanhar a produção e a circulação de ideias fora de circuitos hegemônicos, caminho que possibilita refletir sobre questões amplas de “contextos periféricos” que isoladas não seriam possíveis perceber.³

Seguindo essa trilha, importa notar que não se trata de fazer a defesa de uma interpretação em detrimento da outra (Schwarz *versus* Sarlo; periferia *versus* margens), mas de problematizar a produtividade de ambas. Ao acompanhar, na primeira seção, a leitura do crítico brasileiro sobre a obra machadiana e, na segunda, o diálogo que a crítica argentina estabelece com os escritos borgeanos, a parte final do texto é dedicada a pensar o potencial heurístico que suas formulações têm para uma teoria social que precisa seguir sendo alargada – com vistas a pensar dilemas modernos “globais” a partir de um ponto de vista diferente daqueles fabulados na Europa Ocidental e no mundo anglo-saxão (cf. Brandão, 2007).

³ É importante salientar, desde já, que o conceito de periferia é caro ao chamado pensamento latino-americano, uma vez que foi rotinizado no final dos anos de 1940 a partir dos estudos da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Esse conceito/ideia procura explicar uma relação econômica e política desigual entre os países “centrais”, no qual o sistema capitalista se originou e estaria mais desenvolvido; e os países “periféricos”, cujo progresso técnico era limitado aos setores a partir dos quais se produziam matérias-primas para o centro, configurando um capitalismo “mais tardio”. Trata-se de uma ideia que foi constantemente revista e tem rendimento analítico para outros autores, como os teóricos da dependência ou autores vinculados às teorias do sistema-mundo, que buscam compreender o desenvolvimento capitalista como processo social, demonstrando como o moderno e o atraso não apenas convivem, mas se imbricam de modo necessário para justificar a lógica do progresso (cf. Ricupero, 2011). Nas décadas recentes, o termo também foi bastante utilizado para se referir às regiões do mundo fora do eixo Atlântico Norte que, em sua maioria, sofreram processos de colonização – como a África, a Ásia, a Oceania etc. (cf. Maia, 2011). Em linhas gerais, a ideia de “condição periférica” utilizada na comunicação envolve um conjunto de relações complexas e conflitivas entre “centros” e “periferias” não apenas em termos econômicos, políticos e geográficos, mas também na produção e circulação das ideias e das formas culturais e artísticas (cf. Ginzburg, 1989; Moretti, 2000; Villas Boas, 2011; Monteiro, 2014).

Um avanço literário na periferia: Machado de Assis e um de seus intérpretes

O que se deve exigir do escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço – Machado de Assis, “Instinto de Nacionalidade” (1873)

Os livros de Roberto Schwarz *Ao vencedor as batatas* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990) e *Duas Meninas* (1997) são em larga medida complementares. Analisando a dialética entre forma literária e processo social, os ensaios se dedicam ao estudo da obra de Machado de Assis e procuram demonstrar como a ficção do escritor fluminense se altera entre seus primeiros contos e romances para a segunda fase de sua obra, quando se constrói, na leitura do crítico, um ponto de vista formal que permite uma profunda visão do Brasil oitocentista, com ecos ainda na contemporaneidade. Para explicar essa “viravolta”, Schwarz parte do problema armado por seu professor Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), que sugere que Machado representa uma “síntese do sistema literário brasileiro”, porque percebeu e incorporou os pontos fracos de seus predecessores – que abusavam das figuras nacionais para criar a literatura brasileira após a Independência política da metrópole portuguesa (1822) – e se utilizou livremente das “matérias universais” – dos achados formais de nomes clássicos da literatura Ocidental.

Alargando essa hipótese, *Ao vencedor as batatas* toma como objeto de estudo as obras de José de Alencar e os escritos da primeira fase de Machado de Assis; e *Um mestre na periferia do capitalismo* e *Duas Meninas* recortam obras de maturidade do bruxo do Cosme Velho, respectivamente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e *Dom Casmurro* (1899), sendo este último romance colocado ao lado de *Minha Vida de Menina* (1942), de Helena Morley, uma moça de Diamantina que escreveu um desprezioso diário no final do século XIX. Lidos em conjunto, os livros do crítico não são apenas uma leitura formal da ficção machadiana, mas, a partir e por meio dela, uma interpretação da sociedade brasileira. Nesse registro, importa notar que o ensaio “As ideias fora do lugar”, que abre *Ao vencedor*, contém a proposta a um só tempo crítica e sociológica que arma o projeto crítico seu autor, uma vez que problematiza o chão histórico que dá suporte aos primeiros romances brasileiros.

Acompanhando de perto o argumento de *Ao vencedor*, Schwarz observa que no quadro da descolonização brasileira é possível notar uma aparente contradição da

modernidade que tomava forma no país, uma vez que se combinavam as lógicas do liberalismo europeu – como, por exemplo, a liberdade do trabalho, a autonomia da pessoa, a crítica ao privilégio, a igualdade perante a lei etc.–, com uma sociedade composta tanto por escravos quanto por homens livres pobres que dependiam do favor das classes proprietárias. Em outras palavras, o Brasil se integrava à “ordem moderna” por uma via de acesso marcada pelo escravagismo, pela exclusão e marginalidade de parte da população, e pelo elemento de arbítrio que são as relações de favor, uma “mediação quase universal” das relações sociais no país (Schwarz, 2012a, p.19)

Armando esse chão histórico, que representa uma “comédia ideológica” diferente da europeia – já que na periferia da ordem burguesa a exploração do trabalho era revelada sem subterfúgio, fazendo o liberalismo girar em falso –, o crítico busca entender seus efeitos no plano da cultura e da experiência intelectual. Mais do que indicar um possível desajuste entre a matéria local e as formas emprestadas – sejam os costumes e os ornamentos arquitetônicos, sejam as teorias e o modelo do romance –, Schwarz propõe acompanhar o movimento do descompasso, perguntando se a “falsidade das ideias” modernas não seria parte estruturante do processo social brasileiro e, por que não, de outros contextos periféricos e da ordem mundial traçada pelo capitalismo?⁴ Para o crítico, é por perceber essa dissonância que Machado se torna um mestre em ordenar “questões da história mundial”, mesmo sem tratar delas diretamente (Schwarz, 2012a, p.31).

Entretanto, antes de Machado construir um princípio formal original na literatura brasileira, Schwarz pondera que os primeiros passos de sua prosa de ficção, como também o de seu predecessor, José de Alencar, são indícios de que a importação do romance no Brasil, em particular sua via realista, caminhou com algumas dificuldades. Os grandes temas que marcavam a forma do romance europeu, como “o cortejo de sublimes viscondessas, arrivistas fulminantes, ladrões ilustrados, ministros epigramáticos, príncipes imbecis, cientistas visionários”, não combinavam com a cor local brasileira, regida pelo

⁴ Sobre esse ponto, Schwarz (2012a, pp.27-29) traça uma breve comparação entre a literatura brasileira e a literatura russa, e sobre certa analogia nos processos que combinavam o trabalho servil e o trabalho livre. O romance russo figura, na visão do crítico, um sistema de ambiguidades do uso local do ideário da cultura burguesa, impondo um quadro “mais complexo” ao próprio romance burguês, mesmo com o “atraso histórico do país”. A modernização na Rússia, como no Brasil, “se perdia na imensidão do território e da inércia social”, o que entrava em choque com “a instituição servil e seus restos”. Nessa linha, a hipótese do crítico é a de que as literaturas brasileira e russa (mas também as de outros espaços “periféricos”) poderiam desvendar certos descompassos e impropriedades em relação aos modelos que o Ocidente impunha – e impõe? – ao mundo.

paternalismo e pela escravidão (Schwarz, 2012a, p.37). Um exemplo das dificuldades, na perspectiva de Schwarz, são os romances de José de Alencar.

Senhora (1875), por exemplo, um romance de inspiração balzaquiana, é composto por dois planos: um representado por personagens centrais, que retratam o tema da riqueza e da propriedade privada; e outro composto por personagens periféricas imitadas da empiria local, que figuram a tradição e o hábito. Aurélia, personagem principal, possui uma lógica racional que coincide com a ordem clássica do mundo burguês – trata, inclusive, seu marido como uma propriedade, reduzindo o casamento a um aspecto mercantil. Ainda que a condução do conflito se filie à prosa de Balzac – na medida em que a engrenagem do dinheiro, a posição social e o interesse racional selam os destinos dos heróis – a arquitetura do romance vai em direção oposta ao modelo observado, já que o ambiente de Aurélia é o de clientela e de proteção, uma ordem inteiramente diversa ao ideário burguês. Na leitura de Schwarz, em Balzac o presente é figurado em suas contradições, e o conflito central é marcado pelos inúmeros perfis das personagens periféricas, que se deslocam, refletem, invertem e modificam o conflito central. No caso da prosa alencarina, ao contrário, o conflito fica anulado com as personagens periféricas que servem como ornamentos, sem oferecerem relevância problemática para o enredo, interessadas apenas em arranjar sua sobrevivência.

O crítico reconhece que o problema que aponta pode ser arbitrário, afinal, o andamento do romance é qualificado por poucas personagens secundárias, que se eliminadas resolveriam o problema do descompasso da forma. Mas, eliminadas as personagens periféricas, restaria um romance francês, o que não era intenção do autor que procurava nacionalizar o gênero romanesco. Por isso, para Schwarz, a qualidade literária não é da ordem “da força crítica e do problema, mas antes da felicidade verbal” em que “brilham o talento mimético, a cultura brasileira e a visão de conjunto de Alencar, ao mesmo tempo que se minimizam os efeitos desencontrados de nossa vida ideológica”. Os dois planos apresentam, em termos simples, o sentimento dos costumes do escritor e seu apreço pela modernidade, onde a forma europeia e a sociabilidade local “são tomadas tais e quais, com talento e sem reelaboração” (cf. Schwarz, 2012a, p.58-71).

Seguindo a leitura do crítico, os primeiros romances machadianos, como *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), também representam algumas incongruências entre a forma do romance emprestada e a empiria

local, embora o arranjo formal já guarde alguma diferença com as obras de Alencar, uma vez que eles trazem na composição a marca da dependência e heterogeneidade brasileira, aliados a um deliberado e desagradável conformismo. Se os primeiros contos de Machado eram marcados pela ideologia liberal, ávidos pelas ideias de progresso e de igualdade, esses primeiros romances se alimentam da ideologia antiliberal, de modo que as generalizações libertárias próprias ao individualismo romântico estão à margem dos enredos. Neles, a moral e a vida familiar orientam os destinos individuais das heroínas pobres. A temática da riqueza e da desigualdade não faltam, como nos romances realistas europeus, mas com a diferença de estarem inscritos na vida doméstica, na qual as disparidades sociais e naturais são reparadas, ou seja, em um espaço permeado por bons sentimentos que dificultam instaurar o conflito social. Essa esfera familiar, marcada pelo paternalismo e pela figura do agregado, de acordo com Schwarz, afasta-se da tradição forte do Realismo na qual se inspirava Alencar, mas ganha em verossimilhança brasileira.

O ajuste formal decisivo operado pela ficção machadiana que, nos termos do crítico, “acolhe a empiria brasileira”, é realizado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), objeto de estudo de *Um mestre na periferia do capitalismo*. Na hipótese de Schwarz, percebendo que as classes proprietárias detinham a posição forte na sociedade, o escritor inverte a posição do narrador e passa a assumir “o ponto de vista dos de cima”, encarando o arbítrio paternalista não apenas a partir da perspectiva dos dependentes, cuja posição fraca e limitada não os liberta da lógica de clientela, mas formalizando esteticamente o destino que o indivíduo burguês traçava na periferia. Na sucessão dos episódios comandados pelo narrador Brás Cubas, por exemplo, combinam-se situações fundadas tanto na escravidão e no clientelismo – e, não por acaso, o narrador-personagem aparece como “menino diabo” ao maltratar os escravos e como “protetor” ao ajudar uma agregada velha –, quanto na norma burguesa – pelas ideias que mobiliza na ciência, na política e na autonomia do indivíduo burguês –, situações que causam uma “marca negativa” e a sensação de que algo está errado.

O ponto chave do argumento de Schwarz é o de que a norma burguesa e o favor deixam de ser apenas assunto e se tornam uma regra de composição narrativa, uma vez que se coloca em cena um narrador volúvel – um camaleão que muda de assunto, de opinião e de estilo em cada frase, buscando chamar a atenção de todas as maneiras – e se adota uma posição “insustentável” de dominação de classe no país, ao mesmo tempo de “aceitação

comum”. Mais precisamente, as mudanças de ângulo do narrador Brás Cubas, de acordo com o crítico, vão construindo a ironia do que são as esferas da vida moderna e a diferença dos trópicos, movimento que expressa a sociedade brasileira real, heterogênea e desigual, cujos traços da modernidade expressam sua formalidade superficial.

Ao apresentar o espírito burguês negativamente no narrador volúvel – de modo que a volubilidade passa a marcar o efeito opaco da posição do Brasil no mundo moderno, como elemento que confere cor local e sátira aos problemas que não são apenas nacionais – Machado cria, de acordo com Schwarz, uma “mimese negativa” de caráter realista. Se não é um realismo como o modelo europeu, já que as diferenças históricas impuseram mudanças à composição do substrato literário, o romance machadiano não deixa de dar uma visão de conjunto da sociabilidade estabelecida nos trópicos. Retrata, inclusive, o universo “não-burguês” (os traços herdados da colonização), que tem a função de dar tom crítico à sociedade local, dimensão que foge ao recorte individualista da prosa do Realismo, sendo, portanto, um “romance realista com soluções antirrealistas” (Schwarz, 2012b, p.140).

De modo resumido, Schwarz sugere que a atitude de Machado ao abusar do uso impróprio das formas modernas por seu narrador é “astuta”. Machado não inventou a técnica da volubilidade do narrador, e se apoiou em um “humorismo inglês” antigo, mas percebendo as “ironias latentes” da situação que vivia, tratou de “explorá-las sistematicamente”, associando a estrutura romanesca, com inspiração em diversos procedimentos – como a forma biográfica, a forma do romance romântico, naturalismo etc. – às particularidades históricas do país: liberalismo de fachada com as iniquidades da sociedade escravocrata, de modo que o paternalismo brasileiro perde qualquer justificativa e fica reduzido ao arbítrio dos proprietários. Por isso, nas palavras do crítico, a modernidade à brasileira não alimenta ilusões: “ela só lhe aumenta a miséria, pois, sem elogiar o atraso, desqualifica o progresso de que aquele faz parte” (Schwarz, 2012b, pp.185-186).

Na interpretação desenvolvida por Schwarz em *Duas Meninas* o argumento reforça o que o crítico chama de “matéria brasileira”: as relações sociais “peculiares” herdadas dos processos de colonização, que são aparentemente incompatíveis com o padrão da nação moderna, mas são o resultado da evolução da modernidade no país – e cujos desdobramentos, alerta o crítico, “até hoje não deixam de nos dizer respeito”

(Schwarz, 1997, p. 91). Apoiado na análise estética de *Dom Casmurro*, considerado um dos livros mais expressivos da prosa machadiana, Schwarz continua observando o movimento do narrador. Como Brás Cubas, Bentinho pertence à classe dos proprietários e aparenta máxima civilidade: é um cavalheiro distinto, bem-falante, culto e polido. Por meio de sua figura também são expostos às prerrogativas da propriedade em contexto no qual há escravos e agregados. Mas, aqui, o crítico dá destaque a personagem que desafia sob diferentes prismas a desfaçatez de classe do narrador: a “esclarecida” Capitu, vizinha pobre, primeiro amiga e depois esposa do doutor Bento Santiago. A moça de Matacavalos, no argumento desenvolvido pelo crítico, tinha uma contemporânea “vivinha da silva” em Diamantina, uma menina observadora, filha de inglês, que escreve um “despretensioso” diário sem intenções artísticas no final do século XIX.

As duas meninas, Capitu e Helena Morley, de modos diferentes, mas comparáveis e até certo ponto complementares, procuram superar algumas das dificuldades impostas pelo paternalismo autoritário brasileiro, e dão pistas para entender o moderno-atraso do país na passagem do Império à República. Lutando pelo “apadrinhamento certo”, a figuração das mocinhas são indícios, para o crítico, de uma sociedade desigual, em que a classe dos proprietários decide de modo arbitrário e muitas vezes violento se reconhece ou não “o outro” (ex-escravos, homens e mulheres pobres etc.) em termos de igualdade. Trata-se da dinâmica social que a própria modernidade “inflige as suas partes ditas atrasadas” (Schwarz, 1999).

Em linhas gerais, nos três livros recuperados, é possível acompanhar a leitura de Roberto Schwarz da prosa de Machado. Ao contrário de outros críticos e intelectuais que leram as mudanças inegáveis entre a primeira e a segunda fase machadianas a partir de dados biográficos, psicológicos ou simples amadurecimento intelectual, Schwarz trata de explicá-las por meio das mudanças na forma literária que figuram às questões ideológicas e artísticas dos Oitocentos brasileiros (Schwarz, 2012b, p.241). Como vimos, para Schwarz o narrador machadiano da segunda fase, com sua volubilidade, arbítrio e desfaçatez de classe, é uma via de acesso para compreender a formação da sociedade brasileira – imbricando de modo paradoxal (mas consciente?) arcaico e moderno, desigualdades e privilégios. Por isso Machado é, no argumento do crítico, um “mestre que na periferia do capitalismo”: observando que a cultura internacional não é homogênea e que as suas desigualdades correspondem a problemas diferente conforme o lugar e a

ocasião, produziu um avanço literário para a prosa realista improvável no contexto de origem do romance realista, porque crítico às profundas ambiguidades da razão moderna.

Escritos e publicados entre duas décadas, 1977 e 1997, os livros tomam as relações entre centro e periferia de modo articulado, chamando a atenção para o “desenvolvimento desigual” mas densamente combinado do capitalismo e seus diferentes efeitos na sociedade brasileira. No horizonte histórico desses ensaios, do contexto da ditadura militar brasileira e do processo de democratização – que até hoje não foi encerrado – o crítico nos convida a pensar sobre a descolonização “incompleta” e a modernização conservadora do país ao longo da passagem do Império (1822) a República (1889), da República à sucessão de ditaduras ao longo do século XX (sobretudo 1964-1985) e chegando a Nova República (1988), em que as marcas do passado dinamizam o processo presente. A iniquidade brasileira, segundo o crítico, segue persistente, já que a articulação de modos precários de assalariamento com as antigas relações de clientela e mando “entraram para a nova era sem grandes abalos” (cf. Schwarz, 2012b, p.226). Trata-se, de modo sintético, de uma crítica dialética e negativa do processo social brasileiro e de como o país participa da configuração de processos sociais mais amplos.

Marginal no centro e cosmopolita nas margens: Borges e uma de suas leitoras

(...) repito que não devemos temer e que devemos pensar que nosso patrimônio é o universo; ensaiar todos os temas, e não podemos nos prender ao argentino para sermos argentinos: porque ou ser argentino é uma fatalidade e, nesse caso, o seremos de qualquer modo; ou ser argentino é uma mera afetação, uma máscara – Jorge Luis Borges, “O escritor e a tradição” (1957).

Despertando “amor e ódio”, “denúncia e fascínio” na Argentina, principalmente por posições políticas conservadoras, a obra de Jorge Luis Borges foi objeto de exaustivas reflexões e disputas, tornando-se um personagem “inevitável” para a tradição crítica argentina (cf. Sarlo, 2005).⁵ A geração de críticos argentinos de esquerda que inspira

⁵ Machado de Assis, como se sabe, ocupa quase uma unanimidade no cânone brasileiro, sendo recuperado não apenas pela crítica especializada, mas por movimentos sociais, artistas variados, listas de vestibulares no país etc. Na Argentina, Borges é um escritor que entra no campo das polarizações políticas, de modo que há quem conste sua centralidade no cânon, como indicam as palavras de Sarlo ao observar que o autor desperta amor e ódio; mas talvez por isso mesmo seja um escritor incontornável – objeto de livros como *Antiborges* (1999) organizado por Martín Lafforgue.

Beatriz Sarlo, como Adolfo Prieto e David Viñas, escreveram em oposição ao escritor, ainda que reconhecessem alguns méritos de sua literatura. Considerado por muitos um cosmopolita desinteressado por seu país, isto é, um escritor que nada teria a ver com a vida nacional e com a tradição literária argentina, Sarlo recupera os escritos de Borges e dialoga com eles em livros como *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *Borges, un escritor en las orillas* (1993) e *La pasión y la excepción* (2003), com vistas a problematizar diferentes movimentos do campo intelectual e cultural argentino ao decorrer e, principalmente, na segunda metade do século XX, em que Borges ocupa centralidade.

Lendo cultura e sociedade uma a partir da outra, isto é, procurando analisar a experiência social a partir dos textos de cultura, *Una modernidad periférica* parte de algumas pistas formuladas nos escritos de Borges para compreender de modo mais complexo e nuançado as tensões entre a “modernidade europeia” e o que Sarlo qualifica como a “diferença rio-platense”. Isso porque, nas poesias, nos contos e nos ensaios do jovem Borges, a cidade de Buenos Aires é figurada a partir de suas “*orillas*” – um espaço imaginado entre as últimas casas do campo até seu encontro com a cidade –, e é a partir e por meio das *margens*, reais ou simbólicas, que Sarlo procura analisar os projetos variadamente “nacionais” em disputa no campo intelectual argentino no início do século XX – a geração do “centenário” de Independência.

Seguindo o argumento da crítica, em poucos anos, sobretudo entre as décadas de 1920 e 1930, Buenos Aires passou por uma profunda transformação urbana, cultural e econômica. Com certo padrão de racionalização, com iluminação elétrica nas vias, com meios de transporte ramificados (que davam a sensação de velocidade), o impacto da imigração europeia foi amplamente sentido, escandalizando e apavorando muitos nacionalistas, já que os imigrantes e seus filhos eram beneficiados pelos aumentos nas taxas de alfabetização e escolaridade, possibilitando alguma ascensão social, principalmente àqueles que ingressam nas universidades e começam a disputar espaços no campo da cultura e nas profissões liberais. O cenário é marcado, ademais, pelo aumento expressivo do público leitor, tanto nas camadas médias quanto nos setores populares, o que abre caminhos para consolidação de um mercado editorial local, bem como para os periódicos e jornais, que crescem e se modificam. Em linhas breves, Sarlo sugere que a cidade se modifica rapidamente, sendo tensionada pelo “novo”, e as transformações são amplamente disputadas no campo intelectual – por vezes com sentimentos de incertezas,

nostalgias ou até lamentadas –, tornando a cidade um objeto a um só tempo estético e ideológico, cujas respostas culturais são influentes até a metade do século XX.

Avançando na reflexão, a crítica observa que a heterogeneidade do espaço público de Buenos Aires e o processo de modernização acentuado – inspirado em modelos importados de cidades europeias e norte-americanas – qualificam a cultura argentina “como *cultura de mescla*, em que coexistem elementos defensivos e residuais junto com os programas renovadores; traços culturais da formação *criolla* ao lado de um processo descomunal de importação de bens, discursos e práticas simbólicas” (cf. Sarlo, 2010, pp.56-67, grifos no original). As mudanças configuram, em outros termos, a modernidade em um contexto periférico: a cidade vencia o mundo rural e a imigração europeia proporcionava novas bases demográficas complexificando o sistema cultural, mas as contradições de fundo eram sentidas nas diversas “margens” da cidade e, de modo mais amplo, do país. É nesse cenário, e em diálogo ou conflito com esse campo intelectual, que Borges escreveu seus primeiros poemas e ensaios.

Enquanto muitos argentinos e viajantes consideram a cidade de Buenos Aires monótona, a crítica nota que o espanto de Borges ao voltar de uma temporada na Europa (entre 1914 e 1921) o leva a procurar entender os “fantasmas” da cidade que conheceu em sua infância. O primeiro passo é dado em *Fervor de Buenos Aires* (1926) – primeiro livro de poesias do portenho, em que se traça, de acordo com a crítica, o percurso “de pertença à cidade” – e em *Evaristo Carriego* (1930) – em que Borges inscreve o poeta nas “*orillas*”, “numa linha em que ficassem livres do tango e do subúrbio banal”. Esse movimento, de acordo com Sarlo, constrói uma cidade imaginada tanto pelo sentimento nostálgico das lembranças de infância quanto de um lugar que está sendo transformado. A novidade do escritor está, em poucas palavras, no “tom nostálgico que a poesia de vanguarda assume” (cf. Sarlo, 2010, pp. 81-94).

Se a renovação estética cruzada com a memória da infância forma parte das primeiras linhas da escrita borgeana, em *História universal da infâmia* (1935) há, para Sarlo, um segundo movimento, imbricado ao primeiro, que é decisivo: contra o realismo, Borges desloca a ficção para atribuir uma “nova autoridade”, de modo a elaborar uma nova escrita e seu lugar como escritor. As “histórias universais”, como recorda a crítica, são biografias breves “imaginárias” que o escritor reconstrói e fabula a partir de obras alheias. Por meio da experimentação da linguagem nessas histórias que “carecem de centralidade”,

por meio da “tradução da tradução” e da “versão da versão”, Borges vai deixando claro sua posição de que a “originalidade não é um valor” e, mais do que isso, faz da matéria local argentina um gesto “universal”. Posiciona-se, em nos termos de Sarlo (2010, pp. 81-92) “com astúcia, nas margens, nas dobras, nas zonas obscuras das histórias centrais”.

A leitura da obra do escritor portenho ganha densidade analítica em *Borges, un escritor en las orillas*. Sarlo recorda que, filho de família patricia, a biografia de Borges se funda justamente em um mito biográfico da aproximação com a literatura, com o encontro de livros: o *Quixote*, que leu na infância; as traduções que fez de variados escritores, como Oscar Wilde, Kafka, Faulkner, Virginia Woolf etc.; a familiaridade com a poesia “gauchesca”; a relação com escritores argentinos, como Evarisco Carriego ou Macedonio Fernández; as antologias que preparou na juventude com amigos, como Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo etc. Se as memórias de Borges recuperam clássicos da literatura Ocidental e autores mais ou menos marginais no cenário portenho, a crítica sugere que o “tom nacional” de sua literatura não depende da representação de aspectos da sociedade argentina, mas da formulação da pergunta: “o que fazer com o fato de ser argentino?”, “como é possível escrever literatura em uma nação jovem, sem fortes tradições próprias?” (Sarlo, 2008, p.16).

Essas questões, para Sarlo, que alimentam os primeiros livros do escritor, entre os anos de 1920 e 1930, se fazem presentes na ficção de Borges até seus últimos livros, como *O informe de Brodie* (1970). Olhando para um passado “criollo”, a crítica argumenta que o escritor-crítico, contista-filósofo, quer evitar as armadilhas da literatura local que só produziam, nos termos do próprio Borges, uma “literatura particularista”. Mas, ao mesmo tempo, o escritor não renuncia a densidade cultural de sua “nação culturalmente periférica” – formada pela literatura gauchesca, pelos escritos de Domingo Faustino Sarmiento, pelas sagas familiares e guerras civis antes da organização do Estado nacional, pelas lutas sangrentas e injustas entre índios e brancos durante décadas etc.

Os temas fantásticos de Borges, ainda na leitura da crítica, são a arquitetura que organizam dilemas filosóficos e ideológicos, assim como reordena as marcas do passado argentino, que não desaparecem jamais de sua obra. Nesse sentido, Sarlo observa que a obra do autor portenho não se instala nem no *criollismo* vanguardista de seus primeiros livros, tampouco na erudição heteróclita de seus contos, falsos contos, ensaios e falsos ensaios que reverberam questões formuladas pela literatura francesa ou inglesa; ao

contrário, nos escritos de Borges se encontra a “consciência de mescla” e a nostalgia de uma literatura (europeia) que um argentino e latino-americano nunca vive de todo como “natureza original” (Sarlo, 2008, p.17). Precisamente por isso, no argumento de Sarlo, a invenção das “*orillas*” de Borges acaba armando um dos paradigmas da literatura (e da sociedade) argentina: “uma literatura construída (como a própria nação) no cruzamento da cultura europeia com a inflexão rio-platense do castelhano no cenário de um país marginal” (Sarlo, 2008, p.47).

As “*orillas*” como espaço imaginado e a figura do “*orillero*” – um trabalhador em geral pobre, vivendo entre os limites do campo e da cidade – permitem que Borges recupere o passado argentino e o converta em matéria literária com certa ousadia e liberdade. Essa construção estética e ideológica operada nas primeiras poesias de Borges, segundo Beatriz Sarlo, são recuperadas de Evaristo Carriego, poeta que tinha como tema o espaço do subúrbio; tentava ser modernista, mas era marginal no centro literário. É convertendo a marginalidade do poeta em princípio estético e em tema literário que Borges procura reinventar uma origem para a literatura argentina, rompendo com as filiações previsíveis e se opondo as literaturas dominantes. Não por acaso, figuras como a de Macedonio Fernández, um escritor oral e quase secreto, são retomadas nas notas de Borges, enquanto rompe com figuras expressivas do modernismo argentino, bem como os representantes de um “nacionalismo abstrato”.

Para demonstrar as operações feitas por Borges, Sarlo recupera dois de seus contos que abordam a questão de “como se narra” e, mais especificamente, como se pode “narrar na Argentina”. Trata-se do conto “Funes, el memorioso” e de “Pierre Menard, autor del Quixote”, reunidos em *Ficciones* (1944). No primeiro conto, Sarlo lembra que se encena o que ocorre com a memória quando ela não é mediada pela experiência social. O personagem Funes pode se recortar de todos os detalhes que vê, guardando-os de modo imediato na memória, e é capaz de construir um sistema de palavras que substituem os números. No entanto, Funes não é “capaz de pensar”, porque pensar requer esquecer particularidades para “generalizar, abstrair”. Recuperando esse personagem, Sarlo sugere que para Borges “a literatura trabalha com o heterogêneo, corta, cola, salta, mistura: operações que Funes não pode realizar com suas percepções nem, portanto, com suas recordações” (Sarlo, 2008, p.63). O conto, segundo a crítica, tem tanto a função de

ensionar as possibilidades e os obstáculos da representação realista, quanto de indagar como se narra o tempo, o espaço, a consciência.

Em “Pierre Menard, autor do *Quixote*”, as possibilidades de narração e as encruzilhadas culturais aparecem como paradoxo. Após concluir uma lista de obras relacionadas à ficção, a crítica argentina recorda que o personagem do conto borgeano decide encarar a tarefa de escrever, palavra por palavra, o *Quixote*, de Cervantes. Para quem narra o conto, os capítulos de Menard “são infinitamente mais ricos”, porque, ao fazer alguns deslocamentos e cometer certos anacronismos escrevendo no século XX, ele torna os capítulos “menos previsíveis, mais surpreendentes”. Segundo Sarlo, com esse conto, Borges “destrói, por um lado, a ideia de identidade fixa de um texto; de outro, a ideia de autor; e finalmente, a de escrita original”, demonstrando, com isso, que “todos os textos são reescrita de outros textos (num desdobramento espetacular, oblíquo e infinito de sentidos)”, colocando como desafio para o leitor e o escritor imprimir aos textos “um sentido histórico à fuga de sentidos” (cf. Sarlo, 2008, pp.66-67).

Ao recuperar a construção analítica operada por Borges nesses contos, Sarlo sugere que os paradoxos armados desfazem a ideia de uma possível cópia e “inferioridade das margens, das *orillas*”, uma vez que “o escritor periférico tem as mesmas prerrogativas que seus predecessores ou contemporâneos europeus” (Sarlo, 2008, p.68). Nesse sentido, o cosmopolitismo reivindicado por Borges – e objeto de ataques de seus críticos e escritores contemporâneos – é a condição para uma nova estratégia de narrar as desventuras da matéria argentina, afinal, instalado no limite entre a cultura de uma nação periférica e a cultura ocidental, entre diferentes gêneros literários, entre diferentes línguas, e se sentido estrangeiro em todos os espaços, Borges constrói uma “literatura de conflito”, que converte sua condição de escritor periférico (de argentino e latino-americano) em uma situação privilegiada para tensionar os dilemas entre o local e o universal.

Além de Borges, o peronismo e suas manifestações – como, por exemplo, a figura de Eva Perón e o grupo guerrilheiro os Montoneros – são tomados como linhas de força para compreender o que Sarlo chama de “enigma argentino”. Esse problema é abordado em profundidade em *La pasión y la excepción* (2003), livro que narra um “acontecimento único” na história política da argentina. Trata-se do sequestro realizado pelos Montoneros do general e ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu em 1970, que era responsabilizado pelo desaparecimento do corpo de Eva Perón e pela morte de dezenas de peronistas. O

juízo de Aramburu e a sentença de morte dada pelo grupo, de acordo com a crítica, poderiam ser indícios de desequilíbrio segundo os referenciais europeus ou norte-americanos, já que a modernidade é lida como um tempo sem aventuras e “hostil às paixões e às virtudes que as paixões alimentam”. Mas, consciente e planejado, o episódio não deixa de ser uma “exceção” em que os atores consideraram a vingança uma justiça substancial, popular e concreta, a única saída quando os recursos das instituições lhes foram vedados; ou seja, trata-se uma situação histórica sugestiva para pensar que quando as instituições não estão disponíveis do mesmo modo para todos, “o ato de justiça retorna para os homens que estejam em condições de encará-lo” (Sarlo, 2005, p.198).

De modo paralelo, também em 1970, Sarlo chama atenção para o fato de que Borges publica *El informe de Brodie*, que oferece um substrato para compreender os dilemas culturais de um contexto dominado pelas paixões. Em um dos contos, “El outro duelo”, o escritor portenho insiste em retomar a violência como mediação das relações sociais, como emblema filosófico de questões que envolvem paixões, orgulho e vinganças. Cruzando a ficção de Borges com um episódio real, Sarlo aponta a fratura histórica da sociedade argentina pela violência e pelas reverberações de vinganças políticas. A barbárie aparece como “centro da cultura, um emblema, o fio de Ariadne” (Sarlo, 2005, p.209). Retomando o argumento esboçado pela crítica em *Una modernidad periférica*, em oposição aos processos de modernidade política na Europa, que se caracterizam por uma posição de relativa independência em relação ao passado e as tradições estabelecidas, na sociedade argentina em formação e em movimento, o passado é visto como continuidade do presente – problema que repercute de diferentes modos na sociedade contemporânea.

Escritos entre o final dos anos de 1980 e início dos anos 2000, no processo de transição democrática após as experiências violentas e traumáticas das ditaduras militares na Argentina, os livros de Sarlo tensionam os sentidos das “margens”, do “periférico” e do “moderno”. Se as “*orillas*” representam, na literatura borgeana, um espaço geográfico entre as planícies e as primeiras casas de Buenos Aires em 1900 (ou seja, entre campo e cidade, arcaico e moderno, nacional e estrangeiro), não deixam de se desdobrar, na leitura de Sarlo, em um espaço social, político e cultural ocupado por uma nação periférica, na qual se imprimem marcas de distância, voluntária ou não, com relação à cultura europeia. As margens assumem, em outros termos, uma função heurística na obra da crítica argentina: não se referem apenas a um lugar geográfico e imaginado, configuram também

um modo de olhar a heterogeneidade que constitui a experiência histórica da modernidade. Essa heterogeneidade é avaliada tanto em termos culturais – a possibilidade, como fala Borges, de manejar todos os temas europeus, com irreverência e sem superstições, desfazendo a ideia de que a periferia é um espaço culturalmente tributário dos centros de referência –, como em suas consequências sociais e políticas – uma sociedade fraturada pela violência e desagregada com a persistência da marginalidade e exclusão social, impondo desafios enormes a construção da democracia.

Modernos e periféricos por comparação

(...) não existe nenhum ponto de vista privilegiado fora da realidade das relações entre as culturas, entre poderes imperiais e não imperiais desiguais, entre nós e os outros; ninguém detém o privilégio epistemológico de julgar, avaliar e interpretar o mundo com isenção dos interesses e compromissos obstrutores das próprias relações existentes. Não estamos fora e além das conexões: fazemos parte delas – Edward Said, *Cultura e Imperialismo* (1993).

Seguindo as interpretações que Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo tecem acerca das obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, bem como o conjunto de questões que derivam dessas interpretações para pensarem seus respectivos contextos nacionais, é possível observar algumas semelhanças e diferenças que se cristalizam nas análises. Como vimos, por um lado, os críticos sugerem que Machado e Borges problematizam alguns dos dilemas e das tensões entre as ideias e formas europeias quando combinadas à empiria local (brasileira e argentina). Lendo a tradição literária anterior de seus respectivos países, cuja característica principal era figurar a cor local, os escritores procuraram superar as armadilhas criadas por tais tradições, reivindicando a “universalidade das matérias”, sem, entretanto, deixar de olhar para seus países – justamente por isso ocupam um papel de destaque nas literaturas brasileira e argentina.

Para reforçar o argumento, é curioso lembrar que por muito tempo as obras desses escritores foram pensadas pelas respectivas tradições locais como grandes acontecimentos, mas que sem grandes vínculos com a vida nacional. Schwarz (2012c) lembra que Machado era considerado “o maior”, mas “o menos brasileiro” dos escritores até meados do século XX. Do mesmo modo, as polêmicas leituras da obra de Jorge Luis Borges feitas pela crítica literária argentina, sugerem que o fabulista pouco ou nada teria a ver com a história

nacional e à tradição literária de seu país. Tanto no caso da leitura de Schwarz dos romances machadianos quanto no caso da leitura de Sarlo dos escritos borgeanos, os críticos procuram demonstrar a complexidade e a tensão da dialética entre local e universal que compõem a tessitura das obras desses escritores, mas que nem sempre é ressaltada pela crítica especializada. Mais do que isso, os críticos sugerem que a partir e por meio dessas obras é possível pensar dinâmicas sociais centrais do Brasil e da Argentina.

Uma outra semelhança entre as análises de Schwarz e de Sarlo que não foi ressaltada, mas podemos notar de passagem, diz respeito ao fato de que, em certos momentos, os críticos escreveram sobre os escritores *fora* de seus respectivos países. O primeiro livro de Schwarz sobre a obra machadiana, *Ao vencedor as batatas*, é resultado de sua tese de doutoramento na França, onde ficou exilado entre 1969 e 1978, em virtude da repressão da ditadura militar brasileira aos intelectuais de esquerda. O livro de Sarlo sobre Borges, por sua vez, é resultado de conferências que a crítica proferiu na Universidade de Cambridge, no ano de 1992. Em suas palavras: “ao falar ali, e em inglês, sobre Borges, tive uma sensação curiosa. No âmbito daquela universidade inglesa, uma argentina falava de um escritor argentino que hoje consideram “universal”. (...) A reputação mundial de Borges purgou-o de nacionalidade (Sarlo, 2008, p.13). Esse comentário de Sarlo, que serve de epígrafe para o ensaio “Leituras em Competição” (2006) de Roberto Schwarz, permite aventar como hipótese que o “desterro” dos críticos de seus contextos nacionais jogam luz à originalidade dos escritores: a de formalizar no plano literário a experiência social de suas nações “periféricas”.⁶

Entre as diferenças, por outro lado, vimos que Machado de Assis localiza seus principais romances no final do século XIX no Brasil, na passagem do Império à República, da escravidão ao trabalho livre, enquanto Jorge Luis Borges escreve seus ensaios e contos em meados do século XX na Argentina, olhando para um processo de rápida modernização econômica, urbanização das cidades, imigração europeia acentuada e mudanças substantivas no sistema cultural. As diferenças entre gêneros literários,

⁶ É expressivo, nesse sentido, que a experiência do deslocamento – voluntário ou não – de intelectuais ao largo do século XX permitiu uma série de inovações e remodelações teórico-metodológicas no pensamento social crítico. Os exemplos são variados: os intelectuais que fugiram do fascismo e nazismo na Europa no início do século XX, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, que fabularam nos Estados Unidos a ideia de “capitalismo tardio” e de “indústria cultural”; os exílios de latino-americanos no cenário das ditaduras da segunda metade do século XX, entre os quais os autores que ficaram conhecidos como “teóricos da dependência”; os diferentes autores em diáspora de contextos pós-coloniais, como Frantz Fanon, Edward Said, entre outros.

temporalidades e espacialidades, não por acaso, colocam questões específicas para os críticos pensarem a literatura brasileira e argentina e as respectivas sociedades ao qual dão expressão. Além do mais, as finas diferenças nas argumentações também derivam de encaminhamentos teórico-metodológicos distintos e de onde eles se ancoram.

Com uma leitura dialética e marxista da experiência literária e intelectual brasileira, a ideia de periferia mobilizada por Roberto Schwarz busca indicar que o capitalismo que toma forma em uma ex-colônia é um sistema que compreende relações *aparentemente* contraditórias. As marcas do arcaísmo brasileiro, por exemplo, são lidas pelo crítico como parte integrante da reprodução social moderna, o que explica em parte a perversidade do progresso no contexto brasileiro – perversidades praticadas pela classe dominante que, ao passo que absorvia a cultura da modernidade, não só associava-a a escravidão como também ao núcleo de dominação pessoal (Schwarz, 2012b, p.42). Dito de outro modo, chama atenção que os debates de Schwarz, que recuperam questões formuladas pelas pela “sociologia paulista” entre os anos de 1960 e 1980, estão inseridos na tentativa de compreender o processo de reprodução estrutural do sistema capitalista, no qual a ideia de “atraso” é circunscrita aos avanços da sociedade do capital, de modo que o desenvolvimento do país, mas também de outras ex-colônias, só pode ser marcado pela “modernização do atraso”, o que configura, tomando o todo, um “desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”. A expressão, que é de Trotsky em seu estudo sobre a Revolução Russa, tem o efeito de sinalizar que “o desenvolvimento moderno do atraso” só a princípio é uma aberração brasileira ou latino-americana, podendo ser uma norma em sociedades em processo de descolonização (cf. Schwarz, 2012b).⁷

A leitura de Beatriz Sarlo também joga com a ideia de periferia, embora o sentido seja um pouco diferente do utilizado pelo crítico brasileiro. Reconhecendo que a Argentina

⁷ Como recorda Elide Bastos (2002), a problematização da periferia como método de análise da realidade social é cara ao pensamento tecido pela “escola sociológica paulista”, em particular, por Florestan Fernandes e pelo grupo de seus assistentes (Fernando Henrique Cardoso, Maria Sylvia de Carvalho Franco etc.), com rendimentos nas décadas posteriores em trabalhos como os de Fernando Novais e Luiz Felipe de Alencastro. No argumento de Bastos, a partir dos anos de 1960 a “periferia” assume uma conotação para além do espaço, tornando-se um desafio metodológico para pensar os sentidos da emancipação (e seus obstáculos estruturais) em uma das margens do sistema capitalista. Utilizando esse aporte teórico-metodológico se “compreende os conflitos sociais em sua heterogeneidade”, levando em conta “a dinâmica arcaico-moderno e pobreza-riqueza”, e considerando que a partir da periferia se verifica alguns dos princípios que estruturam o movimento da sociedade (Bastos, 2002, p.189). Dialogando com essa tradição, Roberto Schwarz não deixa de pontuar que esse caminho também está em Marx, quando n’*O Capital*, falando sobre a colonização moderna, “observa que as realidades da colônia têm muito o que ensinar sobre a natureza relativa do trabalho livre na metrópole” (Schwarz, 2012b, p.40).

é uma nação culturalmente periférica e procurando analisar a cidade moderna nas margens do capitalismo, interessa sobretudo à crítica acompanhar as diferentes “*orillas*” / “margens” a partir dos quais a nação se forma, de modo a perquirir os efeitos e os sentidos mais gerais dos processos de modernização e de rápida mudança social, como ocorreu na Argentina no início do século XX, cujos contornos foram sentidos ou reatualizados nas décadas posteriores. A periferia, nessa perspectiva, é um espaço de trânsito, de conflito, de encontros instáveis e tensos, de certa contaminação (Sarlo, 2010). Dialogando com autores como Raymond Williams e Walter Benjamin, seu debate se insere no que ficou conhecido como “estudos culturais latino-americanos”, um conjunto de trabalhos que, analisando as diferentes temporalidades que compõem as culturas, procuram compreender as diferenças significativas que são produzidas na incorporação de ideias e de modelos estrangeiros no cenário latino-americano (estéticos, culturais, sociais, econômicos, políticos etc.), cujo alcance, positivo e negativo, cabe avaliar caso a caso.⁸

De todo modo, a partir dos debates que os críticos travam, importa observar o conjunto de respostas que escritores e intelectuais tecem sobre o que é a “condição periférica” – as tensões, as ambivalências, as conciliações, os dilemas, os paradoxos etc. entre as empirias locais e os modelos e ideias que são importadas de outras experiências, derivados em geral de processos de colonização (o que o Schwarz chama, por exemplo, de “matéria brasileira”, enquanto Sarlo define como “enigma argentino”). Em outras palavras, para fins de comparação, interessa notar que, assim como Machado e Borges não reduzem localismo e cosmopolitismo a essências particulares, Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo pensam e problematizam teoricamente o “moderno” e o “periférico”, ambos articulados a partir e por meio de suas contradições (reconhecendo as diferenças históricas e os circuitos em que a desigualdade opera).

⁸ Os chamados “estudos culturais latino-americanos” são representados por um conjunto de autores de diferentes disciplinas, tais como Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Carlos Monsiváis, Renato Ortiz, Nelly Richards, Beatriz Sarlo etc., caracterizados por estudar os processos culturais de modo interdisciplinar, conjugando diferentes objetos. Beatriz Sarlo observa, no último prefácio de *El imperio de los sentimientos* (1985), que este livro, ao lado de *Una modernidad periférica* (1988) e *La imaginación técnica* (1992), são trabalhos incluídos na agenda dos estudos culturais, mas quando essa expressão ainda não era muito utilizada. Em geral, o livro de Sarlo *Escenas de la vida posmoderna* (1994), é considerado um dos principais exemplos dessa corrente, na medida em que, incorporando o debate acadêmico para olhar diferentes dinâmicas da vida cultural (a cultura popular, os espaços de shoppings-centers, as novas manifestações das indústrias culturais etc.) amplia a compreensão da cultura urbana nas novas configurações culturais no contexto da globalização e do neoliberalismo.

Para avançar nessa chave analítica, vale retomar a pergunta formulada por Beatriz Sarlo em *Borges, un escritor en las orillas*: “pode um autor ser ao mesmo tempo nacional e cosmopolita?”. Essa questão, que repercute no ensaio de Roberto Schwarz “Leituras em competição” (2006), reunido em *Martinha versus Lucrécia* (2012), é respondida de modo afirmativo por ambos, mas os argumentos se encaminham com distintos graus de radicalidade. No caso de Roberto Schwarz (2012b), ele argumenta que Machado de Assis produziu uma *forma* literária para explicar as particularidades da experiência brasileira nos Oitocentos, interpretando a sociedade em sua heterogeneidade, dependência e desigualdade diante do quadro geral traçado pelo capitalismo. Construindo uma obra a um só tempo nacional, moderna, complexa e negativa, tornou-se um “mestre na periferia do capitalismo”. Beatriz Sarlo, por sua vez, sugere que Borges é um escritor “marginal no centro” e um “cosmopolita nas margens”. Escrevendo em um encontro de caminhos e cruzamentos da tradição ocidental com a tradição rio-platense, ele se interrogou “como ninguém sobre a forma da literatura numa das margens do Ocidente”, fazendo das “*orillas*”, das margens, “uma estética” (Sarlo, 2008, p.16).

Quando esses escritores circulam por outros espaços e começam a ser listados entre os cânones da literatura mundial, ocorre, entretanto, que a reputação de ambos é estabelecida apenas pela qualidade estética de suas obras, ao passo que a nacionalidade dos escritores é praticamente apagada. Segundo Roberto Schwarz, a universalização de certos autores – como Machado de Assis e mesmo Jorge Luis Borges – faz com que eles apareçam como uma superioridade que foge à regra, e o sucesso vem “de mãos dadas com o desaparecimento da particularidade histórica”, de modo que “o autor entra para o cânon, mas não o seu país, que continua no limbo” (Schwarz, 2012b, p.22). No argumento de Sarlo, caso haja “justiça estética” na “universalização triunfal” da obra de Borges, esse reconhecimento apaga parte das circunstâncias nas quais suas obras foram pensadas. O que se obtém, nesse sentido, “é um Borges inteligível nos termos da cultura ocidental e das versões do Oriente que esta cultura formulou, e o que se deixa de lado é um Borges igualmente inteligível nos termos da cultura argentina e, em especial, da formação rio-platense” (Sarlo, 2008, p.14).

O problema da “universalização” dos autores, a partir do ponto de vista traçado de modo tímido por Beatriz Sarlo (2008) ao afirmar que o escritor é “um marginal no centro e um cosmopolita nas margens”, e radicalizado na leitura de Roberto Schwarz

(2012c), é sugestivo para pensarmos que as questões e as dinâmicas que envolvem a consagração de obras e autores não se prendem apenas às indagações estéticas e às disputas no terreno do método de análise da literatura e da cultura de modo geral. Ao contrário, a consagração também faz parte de jogos de poder em que se constroem as interpretações sobre os processos históricos, com amplas consequências sociais, políticas e econômicas para as sociedades – em geral periféricas – que emprestam os modelos. Nesse registro, para falar como Roberto Schwarz (2012c), essas questões “têm uma dimensão política na geografia do mundo contemporâneo”, e uma dessas dimensões é a que o crítico brasileiro chama de “luta inconclusa” da ex-colônia por sua formação moderna, contra o subdesenvolvimento, o atraso, a marginalidade, a exclusão, a desigualdade etc.

Ora, o que se coloca em questão a partir dessa chave analítica é a percepção de que as obras literárias também precisam ser compreendidas em seu contexto histórico, e que a crítica literária e a crítica de arte não são alheias à reflexão social, pelo contrário, são partes substantivas das interpretações. Não por acaso, os trabalhos de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo insistem em algumas das contradições não apenas simbólicas como reais a partir das quais são formalizadas as obras de escritores como Machado e Borges. A matéria social local (brasileira e argentina, talvez “latino-americana”), nessas interpretações, não aparece como mera ornamentação estilística, mas como princípio que ordena a ficção, e deve ser pesquisada em suas múltiplas conexões de sentido. Afinal, para utilizar novamente as palavras de Schwarz (2012c): por que supor que a experiência brasileira (ou argentina e “latino-americana”) tenha interesse apenas local, enquanto escritores como Homero, Shakespeare e a tradição ocidental europeia como um todo seriam universais?⁹

Se seguirmos essa chave de leitura, as ideias de “periferia” e “margens” que compõem a tessitura dos argumentos de Schwarz e de Sarlo, não se referem apenas a um *espaço social* – a um só tempo físico, político e cultural – em que se desenvolveu certa experiência do capitalismo, resultado de processos de colonização. Tratam-se, também, de um *desafio analítico* para problematizar e interpretar a heterogeneidade do processo social

⁹ O latino-americano aparece entre aspas nesse parágrafo por dois motivos: (i) para indicar que é sempre uma construção tensa e problemática – política e analiticamente – e (ii) para sublinhar que as polêmicas de Schwarz e de Sarlo se instauram dentro do campo intelectual brasileiro e argentino, respectivamente, em particular com os discursos hegemônicos da esquerda, ainda que eles não sejam alheios às formulações mais gerais do debate latino-americano, onde suas ideias inclusive reverberam.

e político da modernidade – seus desafios, impasses e talvez suas possibilidades. Em linhas gerais, fazer da periferia e das margens um problema teórico-metodológico aparece como uma das vias para alargar a compreensão sobre os processos sociais e aumentar a capacidade de formular questões para lidar com as diversidades e as desigualdades reais que existem no mundo.

Mais especificamente, é possível avançar na crítica ao “moderno” e ao “universal” como categorias, demonstrando (uma vez mais!) que não faz sentido se questionar “que horas são?”, porque o universal e o moderno não são conteúdos fixos, embora existam versões dominante deles. Acompanhando os argumentos dos críticos, vemos o que acontece com as formas, ideias e ornamentos tidos como “modernos” em lugares que não possuem as condições sociais que estavam nas origens desses modelos e que eles de alguma maneira têm como pressuposto. No caso dos países que foram ex-colônias, por exemplo, as dificuldades ou a impossibilidade de repetir o desenvolvimento e a modernização dos países centrais ainda se impõem de modo brutal no cotidiano da vida nacional, com desagregação sistemática e violenta. É possível incorporar técnicas sociais, instituições chaves, sistema de valores de outras experiências, mas é inegável que essa incorporação gera diferença – que só pode ser pensada em termos históricos. Por isso a necessidade contínua de desprovincializar a experiência “periférica” de seu alcance apenas local, e duvidar do ponto de vista que se cristaliza como “central”/ “universal”.¹⁰

Ao circunscrever a “periferia” e as “margens” como lugares sociais e pontos de vista incontornáveis – embora não exclusivos ou preferenciais – para compreender o movimento geral e global da sociedade contemporânea, a crítica ao moderno e ao universal enfrenta a problemática do descentramento da teoria social ou de seu alargamento, discussão em voga nas ciências sociais. Sem desconsiderar o hífen que liga historicamente “centro” e “periferia”, trabalhos como os de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo permitem

¹⁰ Em termos mais simples, o fantasma que se cria para seguir os modelos e cartilhas existentes (estéticos, econômicos, políticos etc.) é tão grande em países de passado colonial que mesmo hoje discutimos coisas como “o neoliberalismo brasileiro e argentino ainda não é neoliberal o suficiente”, tal como manda os manuais econômicos – leia-se Fundo Monetário Internacional ou Banco Mundial. É preciso mais ajuste fiscal, mais privatizações, mais modernizações nas relações de trabalho para a sociedade se integrar ao desenvolvimento contemporâneo. Chama muito atenção, em particular em momentos de crise política e econômica como se vive hoje no Brasil e Argentina, o quanto a “identidade nacional” é definida pela “falta”, pelas “ausências” de substâncias “mais modernas”. A “falsidade das ideias”, como ironiza o argumento de Schwarz, impõe uma série de dilemas para a construção da cidadania e de um ambiente efetivamente democrático.

puxar alguns fios para assinalar as assimetrias de poder que perpassam a produção e circulação do conhecimento em escala planetária, uma vez que apontam, para usar os termos registrados por João Marcelo Maia (2009, p.190), a importância de interpretar a matéria local associada à problemática da modernidade política, isto é, pensar “o moderno e o global de forma descentrada, sem reduzir a periferia a simples receptáculo do centro”.¹¹ Esse tipo de aposta teórico-metodológica, mais do que investigar as assimetrias de poder que perpassam a produção e circulação das ideias, mais do que indicar as contradições do sistema capitalista em uma de suas periferias/margens, é um caminho político para pensar novas formas de organização social.

Resumindo o argumento, o interesse heurístico em se trabalhar com os ensaios como os de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo aqui recuperados, justifica-se tanto na problemática sobre a “periferia” – que desafiou e continua desafiando a imaginação sociológica brasileira, argentina e “latino-americana” –, quanto pelo potencial que o ponto de vista da crítica literária e cultural pode conferir para avançar na criação de *novos mapas teóricos* para sentir, pensar e agir na sociedade contemporânea.

Ao circunscrever a hipótese de leitura levantada nessa comunicação, não se trata, é importante observar, de celebrar a “condição periférica” dos escritores e intelectuais situados às margens como aquela que confere melhor visão para a compreensão da sociedade contemporânea. Tampouco se busca homogeneizar as espacialidades ditas “periféricas”, pois as “periferias” e as “margens” não são homogêneas, passivas e nem fixas, como também não são os “centros”. Trata-se, antes, de tentar puxar fios para pensar os nexos de sentido que conformam (ou reposicionam, deslocam, remodelam) o hífen histórico que liga os “centros” e suas “periferias”, reconhecendo que há assimetrias no tecido da vida social, econômico e intelectual de “contextos periféricos” que tendem a ser pouco lembradas no âmbito dos atuais debates sobre a globalização. Nesses debates, a

¹¹ Note-se, por exemplo, que os trabalhos de Schwarz e de Sarlo têm repercussão tanto na teoria social crítica ao pensamento eurocêntrico – como os estudos que recebem as rubricas de “pós-coloniais”, “decoloniais”, “epistemologias do Sul” etc. – quanto no campo de atuação de ambos, da crítica literária e cultural, em particular, por meio dos trabalhos de Franco Moretti. Ambos colaboraram com o projeto “O romance”, organizado em cinco longos volumes por Moretti, com a proposta de entender as diferentes historicidades e temáticas que compõem os romances em nível planetário.

despeito de muitos autores apontarem a globalização como universalizante, especialmente em termos do mercado, as operações necessárias para a gestão e coordenação da econômica global e a apropriação e o controle do lucro são indícios de que a globalização é parcial e não abrangente, embora estrategicamente “global” (cf. por ex. Sassen, 2000). Existindo diferentes espacialidades dentro do global, é necessário seguir pensando sobre as complexas relações entre local-nacional-global e suas múltiplas conexões de sentido – que possibilitam, talvez, lastrear os circuitos em que a desigualdade opera.

Além disso, ao levantar essas questões e recuperar críticos que não necessariamente compõem os currículos da sociologia, propõe-se a construção de um movimento *às avessas*. Se Schwarz e Sarlo incorporam instrumentos analíticos e teóricos tomados de empréstimos da Sociologia em suas notas críticas, talvez se possa fazer movimento inverso, de integrar ferramentas da crítica literária e cultural nos pontos de vistas sociológicos, de modo não apenas a descrever e explicar os processos sociais contemporâneos (preocupados com métodos bem definidos, ou a partir de certas especialidades acadêmicas), mas avançar com certa ousadia em novas proposições para uma agenda de pesquisa crítica e normativa, cuja preocupação seja acompanhar o processo de produção e de circulação de ideias por espaços não-hegemônicos. Procura-se, em outras palavras, levar a sério a proposta de uma *sociologia-crítica*, reconhecendo que o pensamento e a teoria social avançam com proposições mais democráticas quando incorporam as demandas sociais e políticas das “periferias” (sejam elas reais ou simbólicas).¹²

Referências Bibliográficas

- Bastos, Elide Rugai. “Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista”. In: Miceli, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira, 1970-2002*. v. IV. São Paulo: Anpocs: Ed. Sumaré; Brasília: Capes, 2002.
- Brandão, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Aderaldo Rothschild, 2007.
- Bringel, Breno; Domingues, José Maurício. “Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi)periférica contemporânea”. *Caderno CRH*, v.28, 2015.

¹² Essas preocupações, em diferentes prismas, encontram-se em Josué Pereira da Silva (2017) e Breno Bringel e José Maurício Domingues (2015).

- Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1959] 2007.
- Ginzburg, Carlo. “História da Arte Italiana”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- Maia, João Marcelo. “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 24, n. 71, 2009.
- ___ . “Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro”. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 2, 2011.
- ___ . “História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro”. *História, ciência, saúde-Manguinhos*, v.24, n.1, 2017.
- Monteiro, Pedro Meira. Das ideias fora do lugar ao lugar fora das ideias: periferia e centro revisitados. *Leterrature d’América*, v.34, n.150, 2014.
- Moretti, Franco. “Conjecture on world literature”. *New Left Review*, 1, January-February, 2000.
- Morse, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Pistacchio, Romina. *Una perspectiva para ver. El sujeto crítico de Beatriz Sarlo*. Editorial Corregidor, Buenos Aires, 2007.
- Ricupero, Bernardo. “O lugar do centro e da periferia”. In: Botelho, André; Schwarcz, Lília. *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ___ . “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*, v.03, n.06, 2013.
- Said, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, [1993] 2011.
- Sarlo, Beatriz. *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires: Catalogos Editora, 1985.
- ___ . *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: CosacNaify, [1988] 2010.
- ___ . *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1992.
- ___ . *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, [1993] 2008.
- ___ . *Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*. Buenos Aires: Ariel, 1994.
- ___ . *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Editora da UFMG, [2003] 2005.
- ___ . *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina, 2007.
- ___ . “Nas margens, uma crítica: conversa com Beatriz Sarlo”. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi, 2017 (mimeo).
- Sassen, Saskia. “Spatialities and temporalities of the global: elements for a theorization”. *Public Culture*. v.12, n.1, 2000.

- Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, [1977] 2012a.
- ___ . *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, [1990] 2012b.
- ___ . *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ___ . *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ___ . *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012c.
- ___ . “Conversa com Roberto Schwarz: Desprovincializando o Brasil.” Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi, 2016 (mimeo).
- Silva, Josué Pereira. “O que é crítico na sociologia crítica?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 93, 2017.
- Tavolaro, Sergio; Tavolaro, Lília. A cidadania sob o signo do desvio: Para uma crítica da "tese de excepcionalidade brasileira". *Sociedade e estado*, 2010.
- Villas Boas, Gláucia. Arte e geopolítica: a lógica das interpretações”. *Sociedade e Estado*, v.26, n.3, 2011.